

Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais

Neusa Salim Miranda*

Resumo

Este artigo busca apresentar a hipótese sócio-cognitiva, formulada por Salomão (1997, 1998, 1999), a partir do Modelo dos Espaços Mentais (Fauconnier 1994, 1997) e de concepções que abordam o processo de significação em sua moldura dramática, envolvendo o sujeito, seus papéis, seus jogos e ritos nesse processo (Goffman 1963, 1967).

A contribuição do **Modelo dos Espaços Mentais** (Fauconnier, 1994, 1997) erige-se a partir da postulação de um *modelo cognitivo* de análise para os fenômenos de linguagem natural. Assim, em lugar de postular uma teoria das capacidades dos sistemas matemáticos, tão ao gosto da lingüística formalista das últimas décadas, o modelo dos espaços mentais articula-se a partir das *capacidades da mente humana*. Nesse enquadre, o modelo alinha-se com uma perspectiva integradora da cognição que, confrontando-se com as teorias modularistas da mente, considera a organização cognitiva como um conjunto integrado de sistemas dentre os quais estão a linguagem e a estrutura socio-cultural. Em outros termos, postula-se a **linguagem como um instrumento cognitivo**.

Uma premissa é nuclear ao modelo: a clara concepção de subdeterminação do significado pela significante. Refuta-se, assim, a abordagem do significado como um “pacote conceptual” ou como um “objeto mental”, considerando-o como um processo de complexas operações de projeção, mesclagem, articulação de múltiplos domínios conceptuais (Salomão, neste número). A partir dessa premissa, um conjunto restrito de princípios e conceitos vai constituir o arcabouço teórico de uma teoria de grande alcance explicativo. Dois constructos teóricos são fundamentais ao modelo: as noções de **domínio e projeções** a partir das quais enuncia-se a hipótese-guia:

* Professora da Curso de Letras da UFJF. Doutoranda em Educação pela UFMG.

O princípio nuclear da cognição humana corresponde à projeção entre domínios, desta forma operando produção, fracionamento da informação, transferência e processamento do sentido (Salomão, 1998).

Explicitar as concepções de **domínio e projeções** e suas implicações para o modelo é o que passamos a fazer no presente artigo, articulando exemplos capazes de tornar mais acessíveis os constructos teóricos postulados. Um princípio derivado da aplicação da projeção entre domínios, a noção de **mesclagem/blending** (Fauconier, 1997), será também apresentado. Nossa pretensão é pouca: trata-se de um exercício de explicitação e análise de modo a integralizar melhor os parâmetros do Modelo dos Espaços Mentais que vimos tentando compreender. Quiçá tal esforço de compreensão possa ser útil a quem, como eu, vem tentando a mesma tarefa.

1. Domínios

O evoluir do discurso suscita um jogo de complexas *construções cognitivas*. Essas construções incluem **domínios (conjuntos de conhecimentos estruturados)** que podem ser de duas naturezas: **domínios estáveis e domínios locais**.

I Domínios estáveis – correspondem a estruturas de memória pessoal ou social (esquemas e frames). Estáveis, mas *não estáticos*, são conhecimentos prévios que estruturam internamente os domínios locais (Espaços Mentais) e que podem ser alterados ou elaborados nas construções em processo.

Um parêntese a essa altura, remetendo a uma definição dos termos “frame” e “esquema”, poderá ser esclarecedora. Esses termos e outros como “script”, “protótipo”, “modelo” têm sido usados com diferentes acepções em distintos campos do conhecimento, como na Lingüística, Antropologia, Psicologia, Inteligência Artificial, Sociologia. Nos termos de Tannem & Wallat, 1987:59, “todos esses conceitos refletem uma estrutura de expectativa”. Segundo as autoras, essas estruturas seriam de duas categorias: uma categoria interativa para os “frames” e uma categoria de estruturas de conhecimento para os esquemas. A noção interativa de “frame” refere-se, pois, a uma definição do que está em movimento na interação, sem o que nenhuma fala, gesto, movimento faz qualquer sentido... Assim, na tarefa interpretativa, os interlocutores precisam saber “o jogo que está sendo jogado”: se um “frame” de brincadeira ou de conflito, por exemplo. Só assim poderão dar significação ao

que é dito. Merecem menção os refinados estudos de Goffman (1974) sobre os “frames”. Explorando suas bases lingüísticas, Goffman introduziu o termo “footing” para descrever como, ao mesmo tempo que participantes emolduram um evento, i.e., atribuem-lhe um “frame” determinado, eles negociam relações interpessoais ou alinhamentos, que constituem esses eventos. (Tannem & Wallat, 1987, p. 60)

Quanto aos “esquemas de conhecimento” referem-se a expectativas dos interactantes sobre pessoas, objetos, eventos e cenários no mundo.

*Alguns estudos vinham caracterizando “frames” como estruturas dinâmicas e esquemas como estáticas. Na realidade, **qualquer estrutura de expectativa é dinâmica**, uma vez que é continuamente confrontada com a experiência e revista.*

Voltando aos *domínios estáveis*, podemos considerá-los de três naturezas: **Modelos Cognitivos Idealizados (MCI)**, **Molduras Comunicativas** e **Esquemas Genéricos** (Salomão, 1999).

- **MCI (esquemas conceptuais)** são conhecimentos socialmente produzidos e culturalmente disponíveis. Têm esses conhecimentos papel crucial na cognição humana, qual seja, o de possibilitar o domínio, a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária.

Um belo exemplo do papel dos MCIs na expressão do conhecimento nos vem de um texto de uma criança do meio rural. Convidado a construir um texto (Texto 1) em que houvesse uma troca de papéis entre meninos e meninas, Custódio organiza sua argumentação em torno de dois MCIs disponíveis em sua cultura: o universo feminino e o masculino. Desses MCIs emergem suas hipóteses sobre as diferenças entre homens e mulheres nas **relações de trabalho** (*As coisas de meninas são mais fáceis de que as dos meninos*) e nas **relações socio-culturais** (*Menina são mais deferente de que os meninos (...). Os meninos são bem mas deferente de que as meninas...*). As evidências apresentadas são um conjunto de experiências de vida dos membros de sua comunidade rural e demonstram que os domínios masculino e feminino estão marcados pela diferença opositiva que identifica a relação de subordinação da mulher naquele contexto (figura 1). *Nenhuma possibilidade de mesclagem* com outros modelos culturais, como postulava a agenda da professora ao levar tal tópico para discussão em sala de aula, oferecendo à análise textos alternativos (literários, jornalísticos) com teses emancipatórias acerca dos papéis masculino e feminino.

Texto 1:

Menino e Menina

Se eu fosse menina o meu nome seria Lucia.
Eu seria uma menina muito trabalhadeira eu lavava roupa, fazia o almoço e o jantar, lavar a casa, varrer a casa, varrer terreiro, lavar vasilha etc. E uma coisa que eu não queria ser uma professora.
As coisas de meninas são mais facies que as dos meninos. As coisas dos meninos e trabalhar o dia entero no sol, prantando e capinando, bater pastos, coer arroz, feijão, milho etc. Menina são mais deferente de que os meninos por que elas não fica na rua até tarde e também não fica em casa sozinho. Os meninos são bem mas deferente de que as meninas eles ficam na rua até tarde, ficar em casa sozinho, caçar tatu de noite etc.

Custódio

Figura 1

MCI 1: universo masculino

- Trabalhar o dia inteiro no sol
- Plantar, capinar, bater pasto
- Ficar na rua até tarde
- Ficar em casa sozinho
- Caçar tatu à noite

MCI 2: universo feminino

- Fazer almoço, varrer a casa, lavar vasilha
- Lavar roupa, varrer terreiro
- Ser professora
- Não ficar na rua até tarde
- Não ficar em casa sozinho

— **Molduras Comunicativas** são “frames” de interação, nos termos postos por Tannem & Wallat (1987, p.59). São conhecimentos operativos configurados no evento. Incluem identidades, papéis sociais, agenda do encontro, alinhamento, permitindo a identificação do que está sendo posto em movimento na interação.

No caso de Custódio, a moldura comunicativa atualizada tem marca institucional: trata-se de texto produzido em sala de aula, para um professor (*função*) a quem cabe, por papel institucional, propor a agenda da situação discursiva (o que dizer, como dizer, para quem dizer...). Custódio (*valor*) alinha-

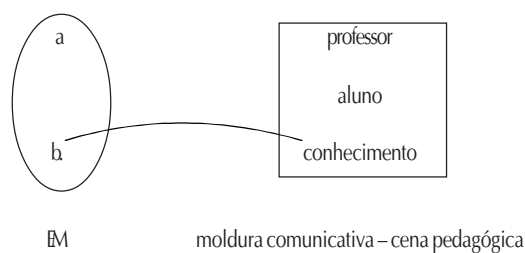
se perfeitamente à moldura proposta. No que respeita à *escolha do gênero*, elabora um *texto de opinião*, a partir de uma estrutura argumentativa de tese/evidência. Circunscreve-se aos limites do “que dizer” (simular uma troca de papéis) e do “como dizer” (seleciona linguagem própria ao gênero, ainda que limitado pelo seu grau de letramento). Assim, responde exemplarmente ao conjunto das disposições comunicativas postas pela moldura, mas, *espantosamente*, sem abrir mão de sua identidade sócio-cultural. O universo cultural que emerge no texto é o seu, ainda que a professora, através de leituras, discussões tenha lhe oferecido outras perspectivas culturais ante o tema proposto.

— **Esquemas genéricos** são esquemas conceptuais configurados de forma mais abstrata. *Nos termos de Salomão (1999, p. 30): “Boa parte de minhas interpretações dependerá do acesso a expectativas bastante desencarnadas e por isso muito mais flexíveis em suas aplicações: a este tipo de estrutura chamaremos esquemas genéricos.”*

Considerando a articulação dos domínios conceptuais no texto de Custódio poder-se-ia considerar os MCIs do universo masculino e feminino explicitados como uma expectativa fortemente estruturada. Trata-se de MCIs plenos, evocados a partir de um contexto específico: o meio rural de onde o autor procede. Expectativas cada vez mais genéricas poder-se-iam estruturar a partir de esquemas conceptuais que evocassem os papéis masculinos e femininos na sociedade brasileira, na sociedade ocidental e assim por diante.

Com uma ligeira formalização¹, o conceito de domínios discutido até este ponto pode ser assim representado:

Figura 2



Na figura 2, temos uma moldura de um evento (cena pedagógica) estruturando um domínio local (Espaço Mental). Se um exemplo como *Custódio aprendeu a lição de Português* acontece no discurso *Custódio, lição de*

1 Antes de prosseguir, é fundamental comentar o significado e limitações das formalizações de que nos valem no presente estudo. São formalizações sugeridas por Fauconnier em seu Modelo dos Espaços Mentais. São representações parciais, porque todo sinal é limitado. Não existe uma meta-semiose que substitua a semiose, que recubra a linguagem que estamos buscando representar. Assim, não é possível descrever tudo; qualquer formalização põe em **foco** determinadas informações e exclui uma quantidade enorme de outras.

Português equivalem a **valores circunstanciais** (a, b) em um espaço mental de base correspondentes às **funções** *aluno, conhecimento* suscitadas pela moldura de “cena pedagógica”. Assim, a função “professor” não será projetada no EM uma vez que o enquadre específico produzido nesta cena não a tem em **foco**.

Nos termos postos por Salomão (1999, p. 32) os domínios conceptuais (**MCI, molduras comunicativas ou esquemas genéricos**) caracterizam-se

- (i) pela sua **permanência** como ordens cognitivas identificáveis e evocáveis;
- (ii) pela **organização interna** das informações que os constituem;
- (iii) pela **flexibilidade de sua instanciação**, conforme as necessidades locais manifestadas.

II. domínios locais – denominados **Espaços Mentais (EM)**, são operadores do processamento cognitivo.

EM são domínios dinâmicos, i.e., proliferam enquanto pensamos e falamos. Por isso são diferentes e novos a cada semiose. São produzidos como funções da expressão lingüística que os suscita e do contexto que os configura. *Externamente* esses domínios estão ligados uns aos outros por **conectores**: marcas lingüísticas e contextuais (**Construtores de Espaços Mentais (CE)**). *Internamente* são estruturados por **domínios estáveis**.

Os Construtores de Espaços Mentais em nível gramatical apresentam formas variadas: são sintagmas preposicionais, sintagmas adverbiais, conectivos, sentenças, marcas de tempo e modo verbal. Introduzem a diferença entre os Espaços Mentais, criando, dentre outros possíveis, os seguintes tipos de espaços:

- **Crença**: *Eu acho* que a Maria casou-se.
- **Imagens**: *Na foto*, Maria é morena.
- **Hipótese, contrafactualidade**: *Se eu fosse você, ia* ao ABC.
- **Escala**: Ele é *um tipo de* herói.
- **Tempo** (situações temporais) : A TV *anunciou à meia noite* a vitória do PMDB em Minas.
- **Drama**: *No filme*, o ator brasileiro é americano
- **Lugar**: *No Brasil*, temos uma bela música.
- **Modelo cultural** (domínio de atividades-jogo, campos da ciência, religião, esporte...): *Em sua religião*, Nossa Senhora não existe.

Em EMs distintos, as *entidades* são descritas em termos de duas contrapartes: (1) **funções (roles)** definidos por MCIs e Molduras Comunicativas e (2) **valores (values)** para essas funções (certifique figura 1). A relação entre as contrapartes é efetuada pelo **Princípio da Identificação**.

Tomando um dos exemplos acima: “*No filme*, o ator brasileiro é americano.”, temos “*no filme*” como um Construtor de Espaço Mental de DRAMA (D) que é distinto do espaço mental de BASE (B = “realidade”). O ator brasileiro (a = valor) em B tem uma contraparte em D que é americano (a’ = função). O **Princípio da Identificação (I)** permite que a descrição de a possa ser usada para identificar a sua contraparte em a’. Nesses termos, a cláusula *o ator brasileiro é americano* não é contraditória porque as duas descrições são instanciadas em EM distintos. A representação desse processo pode ser assim formalizada:

Figura 3



O texto de Custódio aqui referido emoldura-se a partir de um Espaço Mental de **contrafactualidade**: ***Se eu fosse menina o meu nome seria Lucia. Eu seria uma menina muito trabalhadeira...*** A oração condicional é o Construtor desse EM. Assim, no Espaço de BASE temos um “EGO menino” que tem como contraparte o “OUTRO menina” (certifique figura 10, seção 4) no EM de contrafactualidade.

2. Projeções

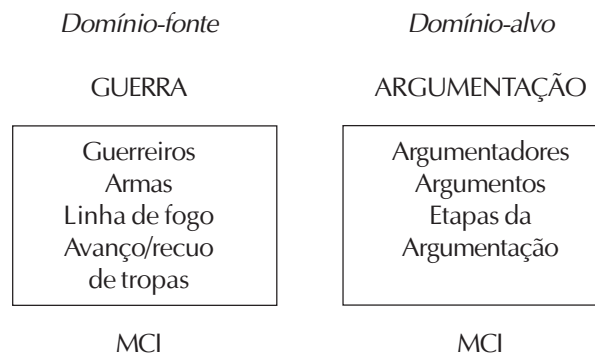
Quanto às **projeções**, vistas tradicionalmente como fenômenos periféricos, são alçadas pelo Modelo dos Espaços Mentais a um papel central da cognição humana. Elas operam para construir e ligar domínios. Evidências vêm sendo elaboradas nessa direção, como ilustramos a seguir através da discussão sobre as classes de projeções. Fauconnier (1997, p. 9-13) postula três classes delas:

- i** **Projeções de domínios conceptuais estruturados (MCIs)** que projetam parte de um domínio em outro. Metáforas e analogias representam esse tipo de projeção.

A idéia central (Fauconnier, 1997, p. 9) é de que, para falar ou pensar sobre certos domínios (*domínios-alvo*), valemo-nos da estrutura de outro domínio (*domínios-fonte*) e do correspondente vocabulário.

A metáfora “argument is war” (Lakoff & Johnson, 1980) ilustra o papel das projeções figurativas na modelagem cognitiva (figura 4). Assim, o que torna possível nesse caso a transferência de informações de um domínio a outro é o fato de “guerra”, ao contrário de “argumento”, ser culturalmente definida em termos de espaço e ocorrências físicas (campo de batalha, linha de fogo, avanço, recuo das tropas...). Tal metáfora permite, assim, a reconceitualização da intangível dinâmica social do *argumento* em termos dos tangíveis eventos de *guerra*.

Figura 4



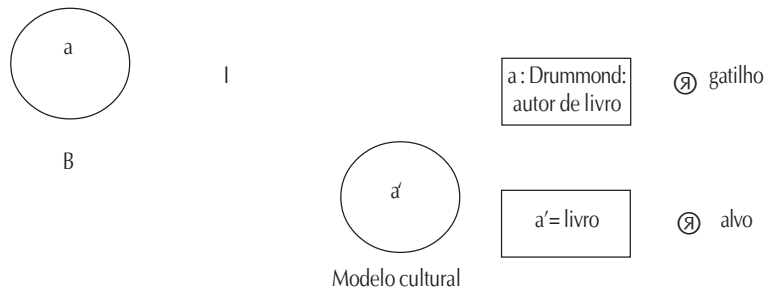
O exemplo acima serve-nos como evidência de que *projeções metafóricas* estão presentes em nossa linguagem cotidiana e não confinadas à linguagem poética como, por muito tempo, postulou-se. Um exemplo muito significativo, presente em muitas culturas, é a metáfora do *tempo como espaço*: valemo-nos de estruturas de nossa concepção cotidiana de espaço e movimento (domínios concretos) para organizar nossa concepção de tempo (domínio abstrato), como ilustram os seguintes exemplos: *As férias estão chegando, O ano está indo embora, O Natal se aproxima ...* O próprio conceito de *passado* implica tal transferência em seu radical de “passar”, que carrega o traço de movimento.

Tais projeções tornam-se culturalmente e lexicalmente entricheiradas, definindo estruturas de categorias na língua e na cultura. Nesse caso, embora cognitivamente ativas, são opacas: a conexão de um domínio a outro é, em certo sentido, automática, i.e., não temos consciência das projeções enquanto as realizamos. Projeções metafóricas podem também ser criadas localmente no processo discursivo. São, então, conscientemente percebidas como inovadoras.

- ii. As **projeções de funções pragmáticas** (*sinédoques e metonímias*): dois domínios relevantes, que são estabelecidos localmente, tipicamente correspondem a duas categorias de objetos, que são

projetados um em outro por uma função pragmática. (Fauconnier, 1997, p.11) Esse tipo de projeção tem papel fundamental na estruturação de nosso conhecimento e provê meios de identificar elementos de um domínio (a) através de sua contraparte no outro (a'). O **Princípio da Identificação (I)** é que vai permitir a descrição dessa entidade a (*gatilho*) em termos de sua contraparte a' (*alvo*). Exemplos acontecem quando o autor é tomado pela sua obra (*Esse Drummond está gasto (figura 5)*), pacientes de hospitais pela doença de que são portadores (*O CA. do 103 está melhor hoje.*)...

Figura 5



- iii. As **projeções de esquema** operam quando um esquema geral (abstrato) é usado para estruturar uma situação no contexto. Construções gramaticais e lexicais evocam tais esquemas. É o que verificamos no processo de mesclagem, descrito na próxima seção.

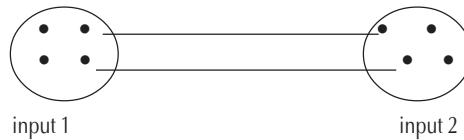
3. Mesclagem (*blending*)

Postulada a dimensão *criativa* de todas as formas de pensamento no sentido de que produzem novas relações, novas configurações e, conseqüentemente, novas significações e conceptualizações, Fauconnier (1997, p. 149-91) destaca um importante processo cognitivo que alavanca parte dessa criatividade – a **mesclagem/blending**.

Nos termos postos por esse autor, a *mesclagem* é um processo cognitivo que opera sobre dois *espaços mentais* (*Input 1 e 2*) para obter um terceiro espaço – o *domínio-mescla*. Nos termos de Salomão (1999), a mesclagem se define de forma menos restrita operando sobre múltiplos *domínios estáveis* (*MCI, molduras comunicativas*) ou *locais* (*espaços mentais*). O domínio-mescla incorpora estruturas **parciais** dos domínios-fonte e tem uma *estrutura emergente* própria. A mesclagem dos *inputs* satisfaz às seguintes condições:

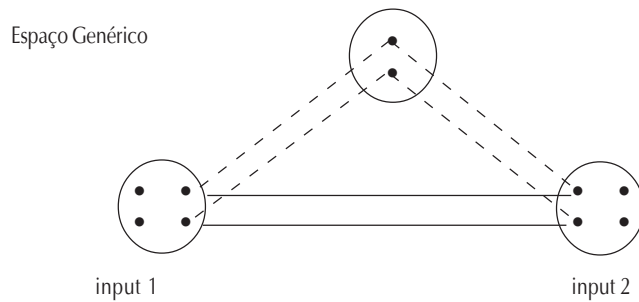
1. **Projeção-entre-domínios:** ocorre uma projeção *parcial* de contrapartes entre os domínios-fonte (EM, MCI, Moldura Comunicativa) como ilustra a figura 6 abaixo²:

Figura 6



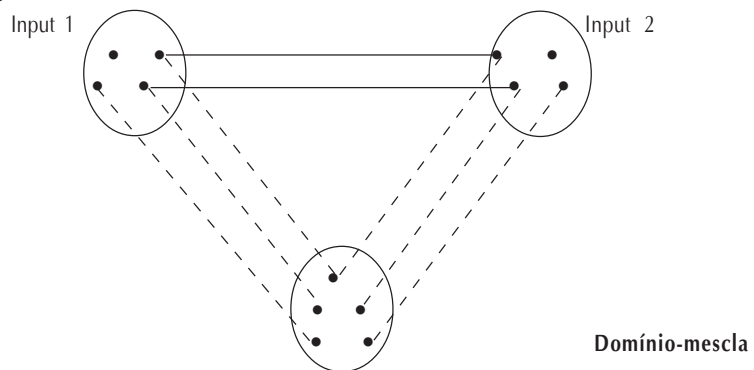
2. **Espaço genérico:** há um *espaço genérico* que reflete estruturas e organizações comuns e usualmente mais abstratas dos dois (ou mais) *inputs*, definindo o cerne da projeção entre esses espaços, como ilustra a figura 7 abaixo:

Figura 7



3. **Mescla:** os *inputs* 1 e 2 são **parcialmente** projetados em um quarto espaço, o *domínio-mescla*, como ilustra a figura 8 abaixo:

Figura 8

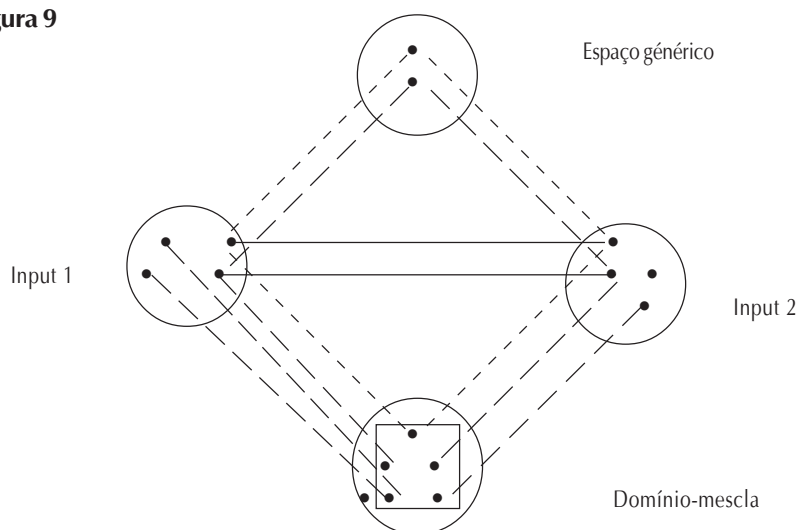


2 Os diagramas utilizados na presente subseção são transpostos de FAUCONNIER (1997, p. 150-51).

4. Estrutura emergente: o domínio-mescla possui uma *estrutura emergente* própria, distinta da estrutura dos *inputs* que a constituem.

A figura 9 abaixo mostra, de forma esquemática, os quatro componentes do processo de mesclagem, quais sejam: **os inputs, o espaço genérico, o domínio-mescla e sua respectiva estrutura emergente:**

Figura 9



No diagrama, o quadrado representa a *estrutura emergente* no domínio-mescla. É fundamental também observar no diagrama as diferentes formas de projeção das contrapartes dos espaços *inputs* no domínio-mescla. Assim temos:

- Contrapartes fundidas em um só elemento;
- Contrapartes projetadas separadamente;
- Uma contraparte projetada, outra não.

Apresentamos a seguir um exemplo de mesclagem – o do “Grande Debate” – tomado a Fauconnier (1997, p. 157, reportando a Fauconnier & Turner, 1995).

Um professor filósofo, dirigindo-se a seus alunos, diz: “Eu acredito que a razão é uma capacidade de auto-desenvolvimento. Kant discorda de mim neste ponto. Ele afirma que é inata, mas eu contesto...”

O processo cognitivo da mesclagem presente nessa situação discursiva pode ser assim descrito:

1. Temos dois espaços *inputs*: no *input 1* temos um filósofo moderno e suas asserções; no *input 2* temos Kant e seu pensamento. Não há nenhum *input* de debate.
2. Esses dois espaços compartilham traços mais abstratos e generalizantes que vão constituir o *espaço genérico* de “pensador”.

3. O quarto espaço *o domínio-mescla*, se constitui com a projeção parcial de contrapartes dos dois espaços *inputs*: o do filósofo moderno e o de Kant. A mescla instaura o **frame de debate** que já tinha parte de sua estrutura presente em cada *input*. Temos, assim, a *estrutura emergente* de debate: Kant e o filósofo moderno engajados em um debate simultâneo, mutuamente atentos, usando uma mesma linguagem para tratar de um tópico específico. Desde que o domínio-mescla é estabelecido, podemos, então, operar cognitivamente neste espaço, o que nos permite manipular os vários eventos como uma *unidade integrada*.

A título de síntese, voltamos a destacar **os traços centrais da mesclagem: projeção entre domínios, projeções parciais dos *inputs*, espaço genérico, integração de eventos e estrutura emergente.**

Para Salomão (1999, p.59) os tipos de mesclagem conceptual passíveis de serem promovidos pela linguagem são os seguintes:

- (I) *imposição de um operador sobre um domínio;*
- (II) *superimposição de um esquema conceptual sobre o outro.*³

Tomemos, como exemplo de (I), a abertura do texto de Custódio: uma condicional no pretérito (***Se eu fosse menina...***) é o operador que introduz a postura epistêmica de **contrafactualidade** assumida pelo falante⁴. Sob esse *enquadre* (***enquadres*** são "***frames***" lingüísticos, i.e., recortes produzidos por construções lexicais e gramaticais, que introduzem uma perspectiva sobre uma cena conceptual (MCI)) o mundo feminino é apresentado, gerando uma *perspectiva* de distanciamento do sujeito (modalização epistêmica) em relação à situação representada. O que vamos ter é uma **mesclagem de perspectiva**, que se constitui pela projeção de múltiplos espaços:

- i. dois **domínios conceptuais (MCIs)**: domínio-fonte 1 (universo masculino) e o domínio-fonte 2 (universo feminino);
- ii. dois **enquadres**: um EGO- menino (**enquadre não-marcado**) e um EGO-menina (**enquadre marcado**). O **operador** que se instala, criando o *enquadre-marcado* sobre os domínios conceptuais é a condicional *Se eu fosse menina* responsável pela perspectiva de contrafactualidade que irá reger todo o domínio discursivo subsequente à introdução do operador em questão.
- iii. dois **esquemas genéricos** constituídos pelos traços comuns dos domínios-fonte descritos em i e ii:

3 Quanto ao processo de mesclagem do tipo (II) **superimposição de um esquema conceptual sobre outro** tem sido objeto de pesquisa de Salomão (1999) no que respeita à *superimposição de esquemas conceptuais* e também meu: *superimposição de esquemas comunicativos* (Miranda, 1999). Tais estudos integram o projeto-mãe *O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso*.

4 A respeito das construções condicionais certifique artigo de Ferrari neste volume.

- Esquema genérico 1 (ação comunicativa): como espaço de homologia dos *enquadres* pragmáticos é constituído por EGO, ENQUADRE e SITUAÇÃO (domínios conceptuais);
 - Esquema genérico 2 (trabalho rural): espaço de homologia dos MCIs dos universos masculino e feminino.
- iv. um **espaço-mescla** onde se instaura a **perspectiva de contrafactualidade** do falante sobre o discurso, mediante o processo de fusão de dois espaços:
- Um espaço F (prótase da condicional: *se eu fosse menina*) onde se projetam traços de ambos os domínios-enquadre: EGO e ENQUADRE; o que significa dizer que o Ego- menino se institui temporariamente como OUTRO (Ego-menina) para realizar uma finalidade comunicativa: avaliar o universo feminino e masculino.
 - Um espaço H (apódose da condicional: *eu seria uma menina trabalhadeira eu lava roupa, fazia o almoço...*) onde se projeta o traço “situação” oriundo de um só domínio: o ENQUADRE – MARCADO (universo feminino).

Por fim, ainda que apenas a título de registro, importa mencionar duas questões que emergem de nossa análise e que nos parecem de grande relevância para as teses fundamentais do modelo cognitivo em questão: a primeira é a DESANOLOGIA que, introduzida pelo enquadre de contrafactualidade, vai marcar todo o universo discursivo subsequente, polarizado pelo mundo feminino de um lado e o masculino de outro. A segunda respeita ao uso do mesmo ENQUADRE contrafactual “*se eu fosse uma menina...*” como **delimitador** de um domínio discursivo dentro do qual prevalecem específicas condições de validação importadas do MCI “Universo Feminino”.

A figura 10 formaliza a **mesclagem de perspectiva** acima descrita.

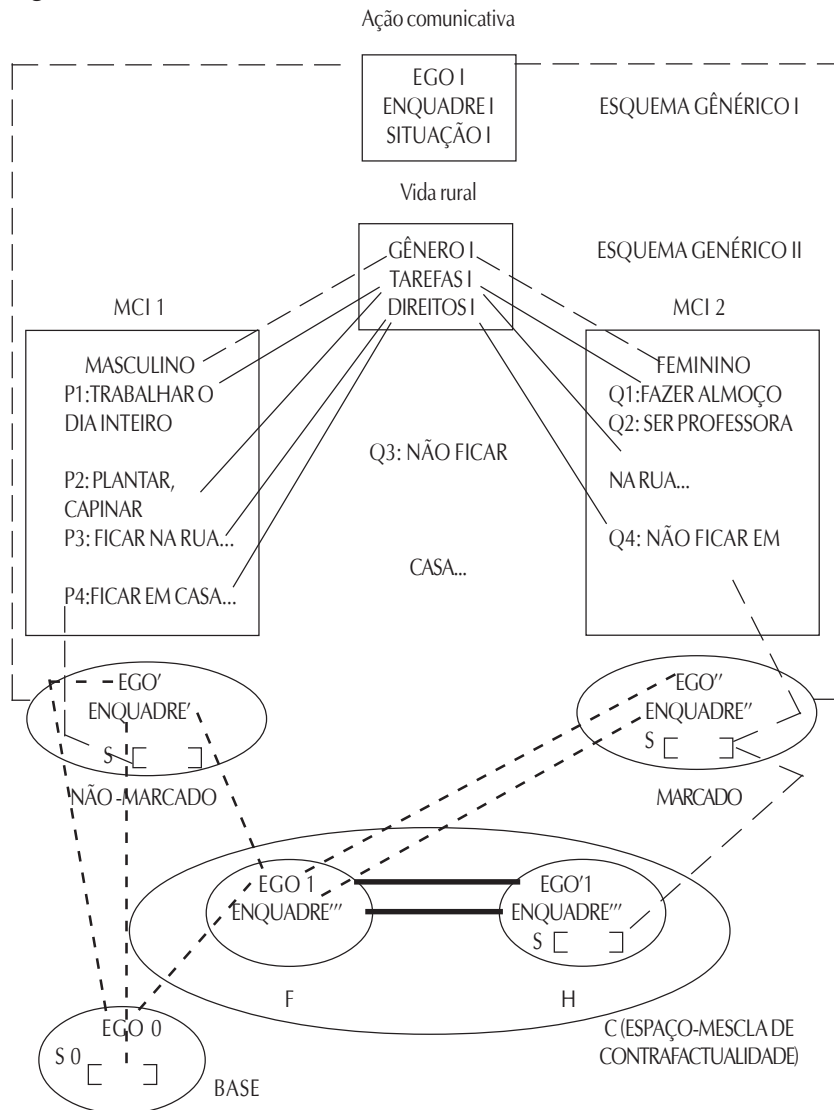
4. Considerações finais

O exercício de explicitação e análise que nos propusemos desenvolver no presente artigo, ainda que apenas roçando de leve a complexidade das relações e projeções responsáveis pelo processo de significação, parece-nos uma satisfatória mostragem do alcance analítico do Modelo dos Espaços Mentais. Na perspectiva de nosso interesse investigativo, qual seja o de focalizar **a análise lingüística do discurso**, são promissoras as contribuições. Primeiro, no que respeita à possibilidade de, fugindo a uma tradição lingüística centrada no significante, dar visibilidade analítica às relações sociais, cognitivas e lingüísticas constitutivas da linguagem. Segundo, por disponibilizar instrumentos analíticos capazes de captar o fluxo comunicativo real, ou seja, o processo de significação em sua moldura dramática (Goffman). Nesse sentido vale ressaltar a HIPÓTESE SÓCIO-COGNITIVA formulada por Salomão (1997, 1998, 1999 e neste volume) que,

alinhada com o Modelo dos Espaços Mentais, representa uma radicalização da hipótese de participação do **contexto** nos processos de significação.

Por fim, instiga-nos o desafio posto como agenda de trabalho dessa vertente analítica: o de investigar a participação de dispositivos gramaticais e discursivos empregados na configuração das interpretações, sem ceder à tentação de ignorar os sujeitos, seus papéis, seus jogos e ritos nesse processo.

Figura 10



Referências Bibliográficas

- FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge University Press, 1997.
- _____, *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- HOLLAND, D. & QUINN, N. *Cultural Models in Language & Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- MARCUSCHI, L.A. *Cognição e produção textual: processos de referenciação*. II Congresso Nacional da ABRALIN, Florianópolis, 1999.
- MIRANDA, N.S. *Mesclagem de gêneros no diálogo institucional: professores vs professores*. Belo Horizonte: FAFED/UFMG, 1999. (Projeto de tese de doutoramento).
- SALOMÃO, M.M. Martins. *Espaços mentais e a gramaticalização das representações espaço-temporais em Português*. Juiz de Fora: UFJF/CNPq, 1996. (Projeto integrado de pesquisa).
- _____. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas*. Juiz de Fora, v.1, n. 1. jul./dez. 1997.
- _____. 1998. Juiz de Fora: UFJF, 1998 (comunicação pessoal).
- _____. *O processo cognitivo da mesclagem na análise lingüística do discurso*. Juiz de Fora/Rio de Janeiro: UFJF/UFRRJ/UERJ - CNPq, 1999. (Projeto integrado de pesquisa - Grupo Gramática e Cognição).
- SWEETSER, Eve & FAUCONNIER, Gilles. Cognitive Links and Domains: Basic Aspects of Mental Space Theory. In: _____. *Spaces, Worlds, and Grammar*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1996. p.1-28.
- TANNEN, Deborah & WALLAT, Cynthia. Iterative Frames and Knowledge Schemas in Interaction: Examples from a Medical Examination/Interview. In: Tannen, D. *Framing in Discourse*. NY: Oxford University Press, 1987.

